



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 6 de abril de 2022

[Multimídia]

Viagem Apostólica a Malta

Estimados irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos!

No sábado e domingo passados fui a Malta: uma Viagem apostólica que estava planeada há já algum tempo: foi adiada há dois anos, devido à Covid e às suas consequências. Poucas pessoas sabem que Malta, embora sendo uma ilha no meio do Mediterrâneo, recebeu o Evangelho muito cedo. Porquê? Porque o Apóstolo Paulo naufragou perto do seu litoral e milagrosamente salvou-se ele mesmo e a todos os que estavam no barco, mais de duzentas e setenta pessoas. O Livro dos Atos dos Apóstolos relata que os malteses acolheram todos, mencionando esta expressão: «com rara humanidade» (28, 2). Isto é importante, não nos esqueçamos: “com rara humanidade”. Escolhi precisamente estas palavras: com *rara humanidade*, como lema da minha Viagem, pois indicam o caminho a seguir não só para enfrentar o fenómeno dos migrantes, mas em geral para que o mundo se torne mais fraterno, mais vivível, e se salve de um “naufrágio” que nos ameaça a todos nós que estamos – como aprendemos – no mesmo barco, todos. Malta é um *lugar-chave* neste horizonte.

Antes de mais, *geograficamente*, devido à sua posição no centro do mar entre a Europa e a África, mas que também banha a Ásia. Malta é uma espécie de “rosa dos ventos”, onde povos e culturas se cruzam; é um ponto privilegiado a partir do qual se pode observar a área mediterrânea numa perspetiva de 360°. Hoje fala-se frequentemente de “geopolítica”, mas infelizmente a lógica

dominante é a das estratégias dos Estados mais poderosos para afirmar os seus interesses alargando a própria área de influência económica, ou influência ideológica ou influência militar: estamos a ver isto com a guerra. Malta representa, neste quadro, o direito e a força dos “pequenos”, das pequenas nações, mas ricas em história e civilização, que deveriam levar a cabo outra lógica: a do respeito e da liberdade, a do respeito e também a lógica *da* liberdade, da convivência das diferenças, oposta à colonização dos mais poderosos. Estamos a ver isto agora. E não só de uma parte: também de outras... Após a segunda guerra mundial, foram feitas tentativas para lançar as bases de uma nova história de paz, mas infelizmente – não aprendemos – a velha história de grandes potências concorrentes continuou. E, na atual guerra na Ucrânia, estamos a testemunhar a impotência da Organização das Nações Unidas.

Segundo aspeto: Malta é um lugar-chave no que diz respeito ao fenómeno das *migrações*. No [Centro de acolhimento João XXIII](#), encontrei-me com muitos migrantes que chegaram à ilha após terríveis viagens. Não nos devemos cansar de ouvir os seus testemunhos, porque esta é a única forma de escapar à visão deturpada que frequentemente circula nos meios de comunicação e de reconhecer os seus rostos, as histórias, feridas, sonhos e esperanças destes migrantes. Cada migrante é único: não é um número, é uma pessoa; é único como cada um de nós. Cada migrante é uma pessoa com a própria dignidade, raízes e cultura. Cada um deles é portador de uma riqueza infinitamente maior do que os problemas que comporta. E não nos esqueçamos que a Europa foi feita pelas migrações.

Evidentemente, o acolhimento deve ser organizado – isto é verdade – deve ser governado, e antes, muito antes, deve ser planeado *juntos*, a nível internacional. Pois o fenómeno migratório não pode ser reduzido a uma emergência, é um sinal dos nossos tempos. E como tal deve ser lido e interpretado. Pode tornar-se um sinal de conflito ou um sinal de paz. Depende do modo como o consideramos, depende de nós. Aqueles que deram vida ao Centro João XXIII em Malta fizeram a escolha cristã e por isso chamaram-no “*Peace Lab*”: laboratório de paz. Mas gostaria de dizer que *Malta no seu conjunto é um laboratório de paz!* Toda a nação com a sua atitude, com a própria atitude, é um laboratório de paz. E pode cumprir esta missão se for buscar às suas raízes a seiva da fraternidade, da compaixão e da solidariedade. O povo maltês recebeu estes valores juntamente com o Evangelho, e graças ao Evangelho eles serão capazes de os manter vivos.

Por isso, como Bispo de Roma, fui confirmar aquele povo na fé e na comunhão. De facto – terceiro aspeto – Malta é um lugar-chave também do ponto de vista da *evangelização*. De Malta e Gozo, as duas dioceses do país, muitos sacerdotes e religiosos, bem como fiéis leigos, partiram, dando testemunho cristão em todo o mundo. Como se a passagem de São Paulo tivesse deixado a missão no ADN dos malteses! Por conseguinte a minha visita foi, antes de mais, um ato de gratidão, gratidão a Deus e ao seu santo povo fiel que está em Malta e Gozo.

Contudo, também lá sopra o vento do secularismo e a pseudocultura globalizada do consumismo, do neocapitalismo e do relativismo. Também lá, portanto, é tempo de nova evangelização. A visita

que, como os meus Predecessores, realizei à Gruta de São Paulo, foi como beber da fonte, para que o Evangelho possa jorrar em Malta com o vigor das suas origens e reavivar o seu grande património de religiosidade popular. Isto é simbolizado pelo Santuário Mariano Nacional de Ta' Pinu, na ilha de Gozo, onde celebrámos um intenso encontro de oração. Lá senti palpar o coração do povo maltês, que tem tanta confiança na sua Santa Mãe. Maria reconduz-nos sempre ao essencial, a Cristo crucificado e ressuscitado, e isto é para nós, ao seu amor misericordioso. Maria ajuda-nos a reavivar a chama da fé, atraindo o fogo do Espírito Santo, que anima o jubiloso anúncio do Evangelho de geração em geração, pois a alegria da Igreja é evangelizar! Não esqueçamos aquela frase de São Paulo VI: a vocação da Igreja é evangelizar; a alegria da Igreja é evangelizar. Não a esqueçamos porque é a definição mais bonita da Igreja.

Aproveito este ensejo para renovar os meus agradecimentos ao Senhor Presidente da República de Malta, tão gentil e irmão: obrigado a ele e à sua família; ao Senhor Primeiro-Ministro e às demais autoridades civis, que me acolheram com tanta gentileza; assim como aos Bispos e a todos os membros da comunidade eclesial, aos voluntários e a quantos me acompanharam com a oração. Não quero deixar de mencionar o Centro de acolhimento para os migrantes João XXIII: lá aquele frade franciscano que o leva em frente, padre Dionísio Mintoff, tem 91 anos e continua a trabalhar assim, com a ajuda dos colaboradores da Diocese. É um exemplo de zelo apostólico e de amor aos migrantes, que hoje é tão necessário. Nós, com esta visita, semeamos, mas é o Senhor que faz crescer. Que a sua infinita bondade conceda abundantes frutos de paz e bem ao querido povo maltês! Obrigado a este povo maltês pelo seu acolhimento tão humano, tão cristão. Muito obrigado.

Saudações:

Dirijo uma saudação especial a todos os peregrinos de língua portuguesa, especialmente ao agrupamento de escolas da Lourinhã. Agradeço as vossas orações, especialmente aquelas orações feitas pela minha recente visita apostólica a Malta. A nossa vida é uma maravilhosa peregrinação que pode contar com a proximidade de Jesus. Ele impele-nos ao encontro fraterno e desafia-nos ao amor recíproco. Deus vos abençoe!

APELOS

As recentes notícias sobre a guerra na Ucrânia, em vez de trazer alívio e esperança, testemunham novas atrocidades, como o massacre de Bucha: crueldades cada vez mais horríveis, realizadas também contra civis, mulheres e crianças indefesos. São vítimas cujo sangue inocente clama ao céu e implora: que esta guerra tenha fim! Que as armas silenciem!

Parem de semear a morte e a destruição! Rezemos juntos por isto...

E ontem, precisamente de Bucha, trouxeram-me esta bandeira. Esta bandeira vem da guerra, daquela cidade martirizada, Bucha. E também, estão aqui connosco algumas crianças ucranianas. Cumprimentemo-las e rezemos com elas.

Estas crianças tiveram de fugir e chegar a uma terra estrangeira: este é um dos frutos da guerra. Não as esqueçamos, e não esqueçamos o povo ucraniano. É tremendo ser desenraizado da própria terra por uma guerra.

* * *

Hoje é o *Dia Mundial do Desporto pela Paz e o Desenvolvimento*, convocado pelas Nações Unidas. Dirijo-me aos homens e mulheres do desporto, para que através da sua atividade possam ser testemunhas ativas da fraternidade e da paz. O desporto, com os seus valores, pode desempenhar um papel importante no mundo, abrindo caminhos de concórdia entre os povos, desde que nunca perca a sua capacidade de gratuidade: o desporto pelo desporto, e não se torne comercial. Aquele amadorismo que é típico do verdadeiro desporto.

Resumo da catequese do Santo Padre:

No passado sábado e domingo, estive em Malta, que recebeu o Evangelho muito cedo, porque o apóstolo Paulo naufragou perto da sua costa. O livro dos Actos dos Apóstolos diz-nos que os malteses o acolheram «com invulgar humanidade» (28, 2). Com invulgar humanidade! Foi precisamente este o lema que escolhi para a viagem, porque nos indica o caminho para enfrentar tanto o fenómeno dos migrantes, como o desafio de construir um mundo mais fraterno, salvo do “naufrágio” que ameaça a inteira humanidade. Nesta linha, Malta é um lugar-chave por três razões. Primeiramente, é um lugar-chave por causa da sua geografia. Localizada no meio do Mediterrâneo, Malta é uma espécie de “rosa dos ventos”, onde se cruzam povos e culturas. As suas pequenas dimensões territoriais incentivam a uma lógica “geopolítica” baseada no respeito, na liberdade e no convívio das diferenças, em vez de ser ditada pela colonização dos mais poderosos. Depois, Malta é um lugar-chave quanto à migração. No [Centro de Acolhimento João XXIII](#) encontrei numerosos migrantes. Cada um deles é único. Não nos podemos cansar de os ouvir. O fenómeno migratório não é apenas uma emergência, é um sinal dos tempos, que pode ser lido como sinal de conflito ou como sinal de paz. Depende de nós. Por último, Malta é também um lugar-chave do ponto de vista da evangelização. Dali partiram muitos sacerdotes, religiosos e fiéis leigos, que levaram o testemunho cristão ao mundo inteiro, como se São Paulo tivesse deixado o ímpeto missionário no DNA dos malteses! Entretanto, também ali ocorre uma nova

evangelização, que revitalize a grande herança de religiosidade popular simbolizada nomeadamente no santuário nacional mariano de Ta' Pinu, onde senti palpitar a fé do povo maltês pela sua Santíssima Mãe, Maria, que nos reconduz sempre ao essencial: a Cristo.